

EDITORIAL

POR UMA EDUCAÇÃO GÊNEROSA!

Fabiana Aparecida de Carvalho¹

Gênero, Educação e Complexidades do Corpo é o tema do quinto dossiê da “**Koan – Revista de Educação e Complexidade**”, editada pelo Laboratório de Educação e Complexidade (LAECO), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Campus Cianorte (PR).

Na agonística das recentes manifestações políticas e sociais brasileiras nesses últimos três anos, os Gêneros, como analíticas de (contra) poder, têm sido discutidos e estudados para se deslocar as verdades hegemônicas que atravessam nossos corpos, nossas emoções e os modos de ocuparmos o mundo em que vivemos. Os gêneros consubstanciam a lente que foca e amplia os entendimentos sobre a construção de igualdades, desigualdades, equiparidades, relações de diferenças, intersecções de classe, raça, subjetividades, modos de se tornar mulher, modos de se fazer homem, modos de se estabelecer ocupações no mundo em que vivemos.

Desde 2014 – com a aprovação dos Planos de Educação e, mais especificamente, em 2016, com a deposição da Presidenta Dilma Roussef por meio de pressões parlamentares e de movimentos sociais difusos, a inserção dos estudos e debates sobre os corpos e os gêneros esbarram em dispositivos discursivos defensores de posicionamentos, muitas vezes, neoliberais, fóbicos e intolerantes disseminados por dogmas conservadores e religiosos que, gradativamente, adentram as casas legislativas, as escolas, as mídias e outras instâncias culturais. As políticas públicas que recorrem à analítica dos Gêneros são as mais visadas/atacadas pelo *modus operandi* dos poderes hegemônicos, pois se configuram, entre outras iniciativas, em ações que desestabilizam as

¹ Licenciada em Ciências Biológicas (UNESP); Mestre em Educação (UNICAMP); Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática (PCM/UEM); Professora Assistente do Departamento de Biologia (UEM).

abordagens excludentes, realocando, dentro da cena pública, mulheres, pessoas LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, pessoas Queers, Intersexos e Assexuadas) e outras minorias sociais como negras/os, indígenas, quilombolas, ciganas/os e migrantes.

Por outro, considerando os lugares de fala e posições sociais específicas de cada grupo identitário, questões atinentes às diferenças de raça, de classe, de pertencimento étnico e cultural, de igualdades e ou desigualdades, de violências, de religiosidades, de sexualidades, de injustiças sociais, de corporeidades, de idades, de narrativas, de enfrentamentos, de estéticas corporais, de subjetividades, estão sendo debatidas em áreas diversas com recorrência à epistemologia feminista e à militância LGBTTTQIA, aos saberes acadêmicos, aos saberes identitários, aos conhecimentos populares, aos posicionamentos militantes e às posições interpessoais que confluem e se consubstanciam em novas complexidades sobre o tema.

Se as vozes são abafadas de um lado, emergem experiências explosivas e criativas por outros lados, oxalá, com a finalidade de decantar coletividades que chegam às escolas. Essas são as vozes dissonantes que conclamam uma educação para os gêneros, as sexualidades e as diferenças problematizando a vida em sociedade e difundindo generosidades em vez de intolerâncias.

O conjunto de artigos, falas e propostas apresentadas neste dossiê encorpa o coro das vozes resistentes e lança, com a esperança de dispersão de teorias, de práticas discursivas e de significações, reflexões acerca de marcadores relacionais como: gêneros, classe, cor, etnia, raça, religiosidade, pertencimento cultural, entre outros.

O artigo de Cássia Cristina Furlan, com aportes teóricos dos estudos de gênero e das teorizações foucaultianas, adentra na constituição midiática do discurso de uma suposta “ideologia de gênero” a promover uma doutrinação sobre a condição biológica de mulheres e homens, destacando a conjuntura educacional da votação do Plano Nacional de Educação em 2014. A autora conduz nossa leitura rumo à necessidade de problematizar os discursos conservadores publicados em redes sociais e nas pautas representativas das casas legislativas, nas discussões escolares, nos currículos e na formação de educadoras/es.

Também se valendo dos mesmos aportes, Alexandre Luiz Polizel e Fabiana Aparecida de Carvalho apresentam, no segundo texto, considerações acerca das tecnologias de poder, expropriação de perspectiva e das tecnologias de resistências que atravessam corpos e práticas de pessoas transgêneras nos espaços de ensino. Posições de sujeito específicas são destacadas das atribuições sociais de corpos trans; abordam, também, modos de existir invisibilizados nas escolas, dando corpo às narrativas de pessoas que rompem com a concepção cis-hetero-normativa dos gêneros e das sexualidades.

Uma leitura não determinística da “Origem das Espécies” e da seleção sexual humana nos é apresentada por Marta Bellini, indicando que o evolucionismo de Charles Darwin nos permite compreender que, adaptativamente, a seleção sexual não pode ser reduzida a um binômio macho/fêmea, mas, deve ser entendida dialeticamente e sem as distorções das bases biológicas da sexualidade e do conhecimento científico sobre o tema.

A pesquisa de Iasmin Santos e Patrícia Lessa dos Santos e o artigo de Gustavo Barrionuevo e Roberta Stubs discutem as construções e as performatividades de feminilidades e masculinidades. As “*strongwomen*” da Belle Époque são evocadas para se desconstruir o mito da fragilidade inata e da subjugação da mulher, considerando, num registro histórico, as transformações da cultura corporal e as invenções tecnológicas da musculação entre o fim do Século XIX e início do Século XX. No mesmo sentido, as identidades fixas inventadas por ficções e regimes de verdade são tensionadas ao se pensar, na atualidade, a performance “*Drag Queen*”, os modos de subjetivação, a construção de subjetividades libertárias e novas existências éticas e políticas para os gêneros.

A configuração de uma identidade negra e escritora e a memorialística da comunicação oral/escrita entre mãe e filha nas escrituras de Dona Joana e Conceição Evaristo ofertam-nos outros modos de se pensar mulheres. Vivências e ressignificações dessa relação mátrio-filial são os traços literários analisados por Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz em suas discussões sobre a quebra de paradigmas estéticos e textuais e sobre a intersecção entre literatura e vida.

Caminhando para as searas da antropologia e seus entendimentos generificados, Senhoras do Sagrado é uma imersão na cultura das benzedeiças.

Mariana de Carvalho Ilheo e Ronaldo Almeida mergulham na tradição oral de agentes populares de cura e do agenciamento feminino nas experiências que borram as fronteiras entre Religião e Medicina Popular. Vozes e ritos de benzedeadas são etnografados a partir da cosmovisão de uma cidade do interior de Minas Gerais.

A perspectiva do ecofeminismo pode ser contemplada com a leitura do trabalho das autoras Mayara Carrobrez, Érica Fernandes Alves e Alba Feldman e do texto de Jacqueline Amadio de Abreu, Patrícia Lessa dos Santos e Mayara Carrobrez – aqui, entendido como uma posição de ativismo feminista no campo das artes e da militância social.

Essa perspectiva ativista se alinha também à crítica dos processos de subalternização de mulheres e de outras espécies de seres vivos com as compreensões de Bruna Augusta Marques e Patrícia Lessa dos Santos, que refletem sobre a Performance “Limite Zero”, de Berna Reale, realizada nas ruas da cidade de Belém do Pará e suas intersecções com o especismo e o sexismo.

Entrecortando o dossiê, o “Manifesto: Não existe ideologia de gênero”, escrito pela organizadora desta edição da Koan, convida-nos a estarmos “atentas/os e fortes” para não temer as estratégias de silenciamento de nossas lutas e de nossos estudos.

E finalizando as discussões aqui propostas, as experiências de amor e dor (re) significadas pela performance de Kênia Bergo e as reflexões, em parceria com sua orientadora, Roberta Stubs, sobre a *performance art* e a *body art* tidas como perspectivas de narrativas de si e visibilização dos corpos femininos.

Que a reflexão sobre a temática seja prazerosa, crítica e cativante!

Sejam bem vindas/os!